Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

O QUE TERIA WEBER A CONTRIBUIR A ANÁLISE DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO?

Sintilla Abreu Cartaxo

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

Submetido em: 2024-08-29
Postado em: 2024-09-02 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:
Roberto Dutra (ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7854-1139)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

O QUE TERIA WEBER A CONTRIBUIR A ANÁLISE DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO?

AUTOR: Sintilla Abreu Bastos Cartaxo
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2421-1059.
asocialbm@gmail.com.br
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo destacar algumas das possíveis contribuições da perspectiva weberiana à análise do capitalismo contemporâneo. Para isso, apresenta um recorte da pesquisa de doutorado em fase inicial no PPGSP/UENF, que tem em vista compreender a formação e o processo de manutenção do conjunto de valores, princípios e normas que, na estrutura atual do capitalismo, vêm orientando vidas para o espírito empreendedor. A pesquisa vem utilizando as contribuições teóricas de Max Weber (2014) acerca do espírito e da forma do capitalismo como fio condutor da análise, por acreditar que, a partir desse núcleo é possível verificar como as estruturas sociais e as ações individuais interagem mutuamente, influenciando-se continuamente. A proposta de Weber, de dois lados, multinível e explicativa, permite ao pesquisador incorporar as complexas interações e dimensões interconectadas e multifacetadas do capitalismo contemporâneo. Em razão dessas características, a perspectiva weberiana oferece uma referência potente para pesquisas teóricas e empíricas que tratam da análise do capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: capitalismo contemporâneo, perspectiva weberiana, espírito empreendedor, forma e espírito do capitalismo

WHAT WOULD WEBER HAVE TO CONTRIBUTE TO THE ANALYSIS OF CONTEMPORARY CAPITALISM?

ABSTRACT: This essay aims to highlight some of the possible contributions of the Weberian perspective to the analysis of contemporary capitalism. To this end, it presents an excerpt from doctoral research in its initial phase at PPGSP/UENF, which aims to understand the formation and maintenance process of the set of values, principles and norms that, in the current structure of capitalism, have been guiding lives towards the entrepreneurial spirit. The research has been using the theoretical contributions of Max Weber (2014) about the spirit and form of capitalism as a guiding thread of the analysis, believing that, from this core, it is possible to verify how social structures and individual actions interact with each other, influencing up continuously. Weber's two-sided, multi-level and explanatory proposal allows the researcher to incorporate the complex interactions and interconnected and multifaceted dimensions of contemporary capitalism. Due to these characteristics, the Weberian perspective offers a powerful reference for theoretical and empirical research that deals with the analysis of contemporary capitalism.

Keywords: contemporary capitalism, Weberian perspective, entrepreneurial spirit, form and spirit of capitalism.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

INTRODUÇÃO.

A Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) apresentou, em seu site, uma publicação referente ao resultado de pesquisa de mineração de dados, bibliometria e ciência da informação aplicada às Ciências Sociais, realizada em maio de 2021. A pesquisa destaca Max Weber como o terceiro autor mais referenciado no ranking e cálculo métrico de impacto de autores das ciências sociais no Brasil, sendo o único referenciado em todos os anos da amostragem. O estudo, cujo recorte temporal situa-se entre os anos de 2014 e 2020, destaca que o pico de citações de Max Weber ocorreu em 2019 presente em estudos sobre; "crime organizado", "burocracia", "cotidiano e valores". Convém sinalizar que, nesta mesma pesquisa, figuram como primeiro e segundo colocados Pierre Bourdieu e Michel Foucault, respectivamente, sociólogos contemporâneos que receberam influência teórica de Max Weber.

O estudo apresentado pela SBS também examinou as relações de rede entre autores, citações e terminologias. Ao redor de Max Weber foi observado pelos pesquisadores um grupo diverso de autores que se entrelaçam como: Georg Simmel, Richard Sennet, Talcott Parsons e Niklas Luhmann. O trabalho métrico buscou por possíveis pontos de compartilhamento, distanciamentos e similaridade no uso de vocábulos entre pesquisas que citam Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Max Weber. O resultado da análise destaca que os vocábulos que interligam os autores são: "poder", "dominação", "autoridade", "campo social" e "racionalidade" esses termos encontram-se inseridos em temas de pesquisa que discutem as questões estruturais do capitalismo contemporâneo.

O que teria Weber a contribuir para a análise do capitalismo contemporâneo? O estudo apresentado pela SBS não deixa dúvidas da relevância e atualidade da sociologia weberiana. Embora sua obra seja comumente relacionada nas ciências sociais brasileiras à temáticas como: religião, ação social e burocracia, seus demais conceitos e esquemas metodológicos conseguem fornecer potentes lentes e ferramentas para a compreensão da estrutura capitalista atual. Schluchter (2009) destaca que o grande diferencial da análise de Max Weber acerca do capitalismo, está especialmente em explorá-lo como um objeto de pesquisa sistemático e exaustivo, tratando-o como um fenômeno histórico universal, que possui seu cume na especificidade do moderno e nos processos de racionalização.

Para situar o capitalismo moderno como a unidade de um fenômeno complexo, Weber realiza investigações histórico-comparativas de modo identificar categorias analíticas diferenciadas e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

seus nexos. A argumentação desenvolvida por Weber (2014) sobre a formação de uma racionalidade ético-prática na gestão sistemática da vida baseia-se em duas variáveis fundamentais: a forma (ou sistema) e o espírito (ou comportamento) no capitalismo. Ambas variáveis, embora estejam intimamente interligadas, segundo o sociólogo alemão, representam apenas parte de um fenômeno multicausal e que só podem ser reconstituídas de maneira abstrata, assim como as formações de caráter tipo-ideal. (Sell,2013).

Schluchter (2016) explica que Weber propõe um modelo de pesquisa, que incorpora dois lados, multinível e explicativo. Em função disto, a perspectiva weberiana busca uma possível superação entre individualismo e holismo metodológico, duas abordagens teóricas opostas na sociologia. O individualismo metodológico enfatiza a ação individual como a unidade básica de análise, enquanto o holismo metodológico enfatiza as estruturas sociais como a unidade básica de análise. Portanto, a perspectiva weberiana tem muito a contribuir para as pesquisas, ao trazer uma moderação entre esses extremos, ao propor um relacionismo metodológico, no qual os fenômenos sociais são analisados tanto no nível das estruturas sociais quanto na ação individual.

Sell (2014) destaca outra orientação importante que pertence ao eixo central da perspectiva weberiana e que pode auxiliar nos estudos do capitalismo contemporâneo que é a premissa das variedades (tipologia). Estas chamam atenção para as possibilidades e as implicações existentes nos diferentes processos de interação entre Estados, instituições e indivíduos de modo influir na formação de capitalismos. Todavia é necessário sempre lembrar que a problemática de Weber era a origem e a caracterização do mundo moderno, o desafio posto a todos do campo sociológico é o de interpretar o mundo a partir de novos contextos, como a globalização, as mudanças tecnológicas, a restruturação produtiva, as desigualdades sociais e as transformações culturais. (Sell,2015). No presente momento, diversos pesquisadores ao redor do mundo vêm reunindo esforços de modo "desfossilizar" (Sell,2014. p.37) a obra weberiana sistematizando e explorando a potência desta perspectiva em diversas temáticas.

Este ensaio de revisão bibliográfica visa tratar algumas das possíveis contribuições de Weber à análise do capitalismo contemporâneo, perseguindo duas trilhas deixadas pelo sociólogo: a que trata da forma do capitalismo (sistema) e a que trata do espírito (comportamento). Os clássicos ocupam este lugar pois segundo Sell (2014), amparam o conhecimento do estado da arte e ainda contribuem com empréstimos conceituais, oferecendo repertório para análises teóricas e empíricas dos temas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

contemporâneos. Sendo assim, na primeira seção, a forma e o espírito do capitalismo na perspectiva clássica de Weber foram revisitados. Na segunda seção o exame da temática será a partir de autores que dialogam com a perspectiva weberiana de modo analisar o tempo presente. A terceira seção, trata das permanências e rupturas na estrutura e no espírito do capitalismo brasileiro, por último as considerações finais.

1- O CAPITALISMO DE FORMA E ESPÍRITO NA PERSPECTIVA CLÁSSICA DE WEBER.

A observação de estatísticas ocupacionais que retratavam a frequência do caráter predominante de protestantes entre os proprietários de capitais e empresários, no início do século XX, foi à motivação inicial dos estudos de Weber (2014). O sociólogo levanta a hipótese da existência de uma inclinação específica entre os praticantes do protestantismo para o racionalismo econômico. No clássico a "Ética protestante e o espírito do capitalismo", Weber (2014) investiga a relação entre os valores religiosos e o desenvolvimento do capitalismo, argumentando que a ética protestante, especialmente a doutrina da predestinação calvinista, estimulou a valorização de trabalhadores sóbrios e disciplinados, a poupança, o investimento e o comportamento empreendedor. Este processo de racionalização da vida, do trabalho e das finanças teria sido um dos fatores que impulsionaram o desenvolvimento do capitalismo na modernidade.

Ao tratar do comportamento, Weber (2014) enfatiza que o "espírito capitalista" não é o simples desejo de lucro, mas a ideia da profissão como um dever, a disposição para executar o trabalho como fim absoluto em si mesmo, a exaltação da profissão como vocação. O "espírito do capitalismo" não deve ser confundido com avareza, ganância ou capitalismo aventureiro. A essência deste espírito é a construção de um tipo de inclinação pessoal que assume o trabalho como "uma máxima de conduta de vida eticamente coroada" que tem como o bem maior ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo gozo imediato do dinheiro ganho", como fim em si mesmo que, "na ordem econômica moderna, o ganho de dinheiro-contando que se dê legalmente é o resultado é a expressão da habilidade na profissão". (Weber 2014, p. 45, 46 e 47)

O indivíduo histórico, descrito por Weber (2014) como um tipo ideal do "espírito do capitalismo", era um religioso que vive a angústia e o medo da condenação. A sua busca pela salvação revela-se na disciplina do trabalho profissional que, com o passar do tempo, transforma-se na

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

disciplina da vida capitalista. A vida monástica, a vida ascética dos protestantes e a vida disciplinada dos capitalistas modernos se aproximam, segundo Weber (2014), ao ser possível verificar a presença dos "efeitos psicológicos" necessários para a internalização de determinadas disposições para condutas de vida racionalmente dedicadas ao trabalho, imprescindíveis à formação do capitalismo moderno. A vida ascética do protestante e consequentemente a racionalização de diversas esferas da vida foram os componentes essenciais para o desenvolvimento do capitalismo moderno (Weber, 2014).

Para tratar da forma (ou sistema) Gerth e Mills, (1982) descrevem que Weber realiza estudos histórico-comparativos da antiguidade, onde buscava compreender as relações sociais e de poder de modo identificar categorias analíticas diferenciadas e seus nexos que influenciaram na construção do capitalismo moderno. Entretanto, isto não significa que Weber não tenha compreensão acerca da totalidade das estruturas sociais. Ao contrário, Gerth e Mills (1982) , destacam que Weber ao entender as origens do capitalismo moderno como um processo gradual, que incorporava particularidades, dimensões institucionais e culturais que se estenderam por vários séculos. Identifica cada vez mais o capitalismo como um sistema unificado e penetrante, uma estrutura de nível macro, não um sistema difuso que pode ser reduzido a um mero instinto de aquisição ou a uma sociedade focada no lucro e dinheiro.(Weber, p. 2014).

O sociólogo alemão verifica a existência de alguns pré-requisitos nas esferas da economia, política e na religião que foram essenciais para o desenvolvimento da produção capitalista moderna. No que se refere à esfera econômica, Swedberg (2005) reafirma o destaque dado por Weber a contabilidade moderna, o trabalho livre e o surgimento de um mercado de massas. Em relação aos fatores políticos, ressalta a evolução da noção de cidadania, a construção de unidades institucionais políticas e sociais que vão além dos arranjos familiares e de clãs, bem como a concepção de um Estado-nação confiável e racionalizado com todo seu aparato jurídico e burocrático. Já na esfera religiosa Swedberg (2005), sublinha dois estágios. Um primeiro onde há a crença na magia e prevalece o tradicionalismo na estrutura social. No segundo estágio a construção da ética protestante que introduz a ideia de vocação e de trabalho disciplinado sistemático promove o desencantamento da magia de modo racionalizar mais espaços da vida social.

O capitalismo em Weber esclarece Schluchter (2009) não é como de Georg Simmel, idêntico à economia monetária, pois carrega consigo um espírito, que não é como o de Lujo Brentano, que pode ser equiparado a qualquer luta pelo ganho especialmente à luta pelo dinheiro. A perspectiva

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

weberiana do capitalismo também se distancia a de Karl Marx e Werner Sombart. Schluchter (2009) ressalta que para Marx o capitalismo foi à formação social econômica de uma fase histórica, um fenômeno moderno que ele classificou como o mais alto nível de desenvolvimento econômico.

O diferencial da visão weberiana acerca do desenvolvimento do capitalismo fundamenta-se segundo Schluchter (2009) na ideia que certas formas de capitalismo já existiram muito antes da industrialização e do comércio moderno. A ênfase de Weber está na racionalidade específica da organização do trabalho e das instituições, como característica central da constituição econômica do capitalismo moderno. A separação das operações domésticas e comerciais, a contabilidade racional das famílias e das empresas em termos monetários sistematizaram a oferta e o lucro. Esse reconhecimento fez com que Weber indicasse o capitalismo moderno como a forma mais elevada de operações racionais, um conjunto de instituições que, de acordo com suas próprias exigências e lógicas, balizam a racionalização de toda a vida. (Sell, 2014).

Swedberg (2005), Schluchter (2009) avaliam que a construção destas analises só foi possível a Weber a partir de seus estudos da antiguidade, que ofereceram ao sociólogo um pano de fundo para que ele pudesse apontar uma série de diferentes tipos de capitalismos que se desenvolveram paralelamente, conjuntamente ou um após o outro. Weber não demarca um ponto certo da história que deu início ao capitalismo e nem tão pouco sinaliza uma substituição deste sistema por outro, como Marx sinalizou. A análise minuciosa da estrutura social antiga, aponta Swedberg (2005) permitiu a Weber distinguir e categorizar seis principais tipos e distintos de capitalismo com base em suas características estruturais e funcionais. Entre as seis principais formas de organização capitalista dedicadas a geração de lucros que poder ser encontradas na história, Weber enfatiza três: "racional, político, comercial tradicional". (Swedberg, 2005, p.76).

Embora Weber tenha identificado diferentes tipos de capitalismo, Swedberg (2005), destaca que o âmago desses diferentes tipos é a geração do lucro, mantendo em seu centro a empresa capitalista e toda sua racionalidade. O autor segue destacando que Weber ao identificar os diferentes tipos de capitalismo, demonstra ainda que a diversidade de composição nos arranjos estruturais impactam o modo como se organizam e atuam as instituições e por conseguinte, como estas exercem influência nas decisões dos demais agentes sociais.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

A contabilidade racional empresarial voltada para a atividade mercantil e para o cálculo do lucro, conforme Swedberg (2005) se concretizou como a premissa central para o desenvolvimento do capitalismo moderno. Introduzindo na modernidade um comportamento individual economicamente orientado que estaria vinculado a um espírito empresarial racional, baseado no cálculo, no método e na previsibilidade.

Tomando como ponto de partida o duplo fio analítico weberiano Boltanski e Chiapello (2005), Darmon (2011), Pohlmann, Elias e Valarini (2016), Sennet (2019) prosseguiram nas discussões acerca do "espírito capitalista", esses autores marcam que o capitalismo vem sendo revisitado de maneira a promover modos contínuos de engajamento na contemporaneidade. Na outra ponta do fio que trata da forma, encontram-se os estudos Hall e Soskice (2001), que seguiram na direção da construção teórica acerca das Variedades de Capitalismo (VoC). A abordagem proposta por esses autores classifica e analisa as nações conforme a capacidade destes em coordenar diferentes esferas da estrutura social em prol do desenvolvimento econômico.

Após a exposição de alguns pontos da análise clássica de Weber acerca do capitalismo, é possível assegurar que esta perspectiva, de duplo fio oferece um quadro analítico potente para construção de reflexões a respeito das estruturas da realidade social, política e econômica contemporânea, bem como os fatores históricos e culturais que a moldaram.

2- EXAMINANDO O DEBATE DA FORMA E DO ESPÍRITO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.

Há um consenso entre os clássicos, Marx e Weber, de que os países inevitavelmente caminhariam em direção ao desenvolvimento de economias capitalistas. Consenso este que, ao longo do século XX, alimentou discussões no campo da sociologia política e da economia sobre um caminho comum, que pudesse ser adotado pelos países, para obter o crescimento e o desenvolvimento econômico (Hall e Gingerich ,2009). No entanto, as diferenças significativas no crescimento e no desenvolvimento econômico observada entre os países, especialmente entre as décadas de 1960 e 1990, contrariou essa ideia de convergência de caminho. Diante disto, nas primeiras décadas do século XXI, emergiram estudos que buscam analisar as variedades de arranjos institucionais nos países capitalistas. (Hall e Soskice,2006).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

Hall e Gingerich (2009) destacam que as análises econômicas e políticas associadas à questão do desenvolvimento dos países, mantinham-se centradas no campo comparativo, priorizavam as discussões de formas comuns de enfrentar os desafios para expansão de mercado e assim agregar desempenho econômico. A análise desses desafios, conforme os autores propicia o surgimento de três perspectivas distintas no estudo comparativo do capitalismo: a abordagem modernista, o neocorporativismo e a perspectiva dos sistemas sociais de produção. Todas essas abordagens estavam predominantemente atreladas ao contexto de países desenvolvidos europeus.

A abordagem modernista se desenrolou no período pós-guerra, focada no desafio de modernizar as indústrias dos países desenvolvidos, onde ainda predominavam práticas de produção da pré-guerra. A centralidade deste desafio estava na modernização das indústrias. Conforme Hall e Gingerich (2009), os analistas desse período concentravam seus esforços em identificar os atores relevantes para a construção de um plano de modernização industrial. A ênfase da discussão recaía sobre o possível caráter da intervenção do Estado na economia.

Na década de 1970 quando a inflação se tornou o maior problema dos países desenvolvidos uma segunda abordagem foi desenvolvida e a ênfase passou a ser nas contribuições do neocorporativismo para a moderação de salários, preços e condições de trabalho. A capacidade de articulação de um Estado em negociar com sindicatos e demais instituições econômicas em relação a temas como: salários e condições de trabalho poderiam resultar em um melhor desempenho econômico. (Hall e Gingerich, 2009).

O desafio imposto durante os anos de 1980 e 1990, segundo Hall e Gingerich, (2009) era o surgimento do processo de globalização que solicitava dos Estados e empresas novos sistemas sociais de produção. O mundo socialista não proporcionava mais uma ameaça, era imprescindível se reestruturar diante desta nova lógica capitalista de modo a gerar confiança no mercado e, por conseguinte, o desenvolvimento econômico. Neste contexto de reestruturação dos novos sistemas sociais de produção que a abordagem das "Variedades de Capitalismo" (VoC) emerge e representa uma ruptura significativa em relação às três abordagens econômicas anteriores, ao centrar sua análise nas empresas e em como as instituições políticas e econômicas de um país influenciam seu comportamento.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

Hall e Soskice (2006) convergem com Weber ao argumentarem que não existe um único modelo possível de capitalismo, mas sim várias formas distintas, moldadas pela trajetória histórica e cultural das instituições específicas de cada país. Em vez de considerar o capitalismo como um sistema uniforme e universal, essa abordagem reconhece as particularidades de cada sistema nacional que são influenciadas por uma combinação singular de regulamentações governamentais que refletem em normas culturais, práticas sindicais, empresariais, sistema educacional e estrutura do mercado financeiro.

As instituições na perspectiva das Variedades de Capitalismo (VoC) é um terreno povoado por diversos atores que buscam promover seus próprios interesses de forma racional e em interação estratégica uns com os outros. Para Hall e Soskice (2006) as instituições não se limitam apenas as regras formais estabelecidas por leis, regulamentos ou políticas governamentais. Elas também envolvem aspectos informais, como: costumes, tradições, normas sociais e códigos de conduta que orientam o comportamento dos indivíduos e das organizações empresariais em uma determinada estrutura ou sistema econômico. Hall e Soskice introduzem a ideia das economias de mercado coordenadas (CMEs) e economias de mercado liberais (LMEs), destacando como diferentes países desenvolvem instituições específicas que moldam suas economias. No caso do Brasil, o país não se encaixa perfeitamente em nenhuma das duas categorias, mas exibe características de ambas, resultando em um modelo híbrido de capitalismo. Essa configuração única é influenciada pela forte presença do Estado na economia e pelas relações entre empresas e governo.

Em outra frente de estudos Boltanski e Chiapello (2005), examinam o processo de desenvolvimento da economia capitalista na França durante a década de 1980, os autores narram que o capitalismo de acumulação flexível passa a se estruturar em diferentes ordens de valor, e para justificar as suas ações, emerge um "novo espírito do capitalismo" que promove novos modos de engajamento. Na mesma direção, Sennet (2019) argumenta que o capitalismo contemporâneo vive um momento novo, com características flexíveis, que ataca as formas rígidas da burocracia e, como consequência, há o surgimento de uma nova ética do trabalho.

Ao investigar o capitalismo flexível e as novas práticas de trabalho em equipe difundidas na atualidade, Sennet (2019) afirma que, em muitos aspectos, elas são o oposto da ética individualista ressaltada por Weber. O autor aponta que os argumentos de Weber sobre a disciplina individual como motivadora do trabalho no capitalismo contemporâneo não possuem mais validade. A estrutura atual

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

destrói a escala de valores e qualquer forma de disciplina ética dos indivíduos, pois sua lógica flexível afeta o caráter pessoal e não propõe condições para a construção de disposições estáveis.

Entre pontos de convergência e divergências aos estudos apontados acima, Darmon (2011), Pohlmann, Elias e Valarini (2016), Lin e Pohlmann (2015), e López-Ruiz (2004), Côrtes (2020), afirmam que a essência central dos valores, da moral e dos princípios do espírito do capitalismo clássico proposto por Weber se mantém, ainda que a forma do capitalismo tenha sido atualizada em novos arranjos e maneiras de engajamento. Pohlmann, Elias e Valarini (2016) lembram que o capitalismo é autônomo de seu arrimo religioso, sendo, portanto, capaz de produzir seus próprios mecanismos de autoprodução e de subjetivação.

A análise weberiana orientou as investigações dos trabalhos de Pohlmann e Lin (2015), e Valarini e Pohlmann (2016), que tratam do padrão gerencial das ações e dos valores de presidentes, diretores executivos e empresários de multinacionais em várias partes do mundo. Aos pesquisadores foi possível verificar que esses agentes atualizam em suas ações de gerência elementos capitalistas clássicos, que também são incorporados em suas condutas de vidas pessoais. A pesquisa concluiu não haver, portanto, a emergência de um "novo espírito do capitalismo", embora o neoliberalismo e a globalização tenham iniciado uma nova fase no capitalismo e um conjunto de efeitos consequentes.

Outra contribuição relevante acerca dos impactos do "espírito do capitalismo" na atualidade, foi realizada por López-Ruiz (2004), que direcionou seu foco de investigação para os executivos de transnacionais brasileiras. Seu objetivo era identificar o conjunto de valores e da ética que orientam as ações desses indivíduos no trabalho e nas suas vidas pessoais. O autor apontou que o "ethos dos executivos" mantém seus estímulos no tradicional "espírito do capitalismo", pois este consegue formar e, ao mesmo tempo, se renovar sobre outros fundamentos inspirados nos valores da antiga ética protestante: os ideais valorativos para o trabalho, para o acúmulo de riquezas e para a vida metódica e disciplinada.

Darmon (2011) também se coloca como importante referência, ao destacar que o capitalismo do momento atual está longe de depender de qualquer "novo espírito". A autora válida a clássica análise de Weber ao afirmar que o capitalismo simplesmente próspera ao promover a "adaptação pura" de "sujeitos econômicos" adequados e ativos de que necessita. Ressalta que o capitalismo neoliberal realiza a transferência para o indivíduo da responsabilidade pelo sucesso e a manutenção da

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

vida econômica. A busca permanente do aprimoramento e da auto seleção gera nos indivíduos sentimentos de preocupação e ansiedade. Os estímulos psicológicos necessários, capazes de promover a adesão dos indivíduos à constante racionalização de suas condutas de vida para o trabalho e economia.

A permanência da ascese no capitalismo contemporâneo foi abordada por Côrtes (2020) que pontuou a respeito das formas atuais de engajamento dos indivíduos ao capitalismo. Para a autora, os religiosos mantinham o comportamento ascético que estimulou a disciplinarização para o trabalho em decorrência da doutrina da predestinação. Entretanto, o capitalismo há tempos se emancipou de seus arrimos religiosos com o processo de desencantamento do mundo. O indivíduo vazio, que age compulsivamente sobre a racionalidade econômica, foi a peça chave que propiciou o espaço para o homo economicus neoliberal. Se antes a dúvida da seleção divina mantinha o comportamento ascético, hoje a dúvida da seleção do mercado é o que mantém o dispositivo permanente de avaliação do desempenho individual e engajamento.

Contribui também ao debate, os estudos do sociólogo Alain Ehrenberg (2010) que advertem sobre as mudanças comportamentais e valorativas da estrutura social nas últimas décadas. Segundo o sociólogo francês, o modelo do capitalismo contemporâneo promove o individualismo por meio da disseminação de valores que alimentam disputas seletivas, a conquista por si mesmo. O culto a performance encoraja a busca empreendedora por conquistas materiais e simbólicas, como um fim em si mesmo.

Ehrenberg (2010) argumenta que o empreendedorismo é a nova norma social valorativa que se endereça a todos, sem distinções hierárquicas. O mundo desencantado é um lugar mais vazio e com pouco sentido. A "paixão agnóstica" deu autonomia ao indivíduo, tornando o herói capaz de tudo, e esta capacidade faz com que seja depositada no próprio indivíduo a responsabilidade pelo seu presente e futuro (Ehrenberg 2010, p.15).

O discurso da autonomia, ao internalizar-se na estrutura social, passa a impor um novo ideal de gerência e de trabalho, que desloca os indivíduos para a busca constante pelo sucesso a partir da conquista do aperfeiçoamento de habilidades e da alta performance. A virada pragmática do capitalismo contemporâneo, segundo Ehrenberg (2010), faz com que os indivíduos passem a assumir a total responsabilidade pela empregabilidade em meio às carências de políticas públicas de trabalho.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

Esses valores, de acordo com sua tese, edificam "o indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-Providência" (Ehrenberg, 2010, p. 25). O constante estímulo à autonomia fez com que o indivíduo seja o empreendedor, assumindo o lugar de figura heroica, modelo de ação, conduta e exemplo para todas as classes.

Diante da exposição dos autores, é possível argumentar que o cenário capitalista contemporâneo se caracteriza como um terreno fértil para construção de um espírito empreendedor, que prospera à medida que a percepção dos indivíduos é canalizada para a motivação de suas próprias forças e para a superação dos obstáculos como desafios. Essa ideia é reforçada, conforme Ehrenberg (2010), pelo esvaziamento da esfera política como campo de transformação coletiva de políticas públicas, transferindo para o setor privado a competência pela construção da seguridade e da assistência.

3- PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA TRAJETÓRIA DO CAPITALISMO NO BRASIL.

De acordo com Villas Boas (2014), a releitura da teoria weberiana acerca do desenvolvimento do capitalismo no Brasil adotou, por vezes, a perspectiva do desenvolvimento tardio como uma consequência do atraso associado à herança ibérica. De acordo com essa análise, a colonização portuguesa carecia do componente ascético da ética protestante, essencial para avanço do capitalismo. Essa abordagem limitada, conforme a autora, reduz o potencial completo que a perspectiva pode oferecer acerca da análise do desenvolvimento do capitalismo no país.

Esta subseção tem em vista discorrer acerca do desenvolvimento do capitalismo no Brasil a partir das contribuições de Musacchio e Lazzarini (2015) que abordaram as mudanças do papel do Estado e suas articulações com as demais agentes e instituições; Kirschner (2003) que destaca a sociologia do desenvolvimento empresarial e a reflexão de Colbari (2007) que situa em diversos momentos o empreendedorismo no cenário brasileiro. As contribuições desses autores mantêm diálogos complementares de modo que revitalizam diretrizes weberianas ao admitirem a interação de diversos agentes e formas de capitalismo.

Musacchio e Lazzarini (2015) analisaram as características de países onde o modelo de capitalismo de Estado se desenvolveu, focando principalmente no caso do Brasil. O capitalismo de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

Estado "é definido como a influência abrangente do governo na economia, seja por meio de participação acionária, seja pela concessão de crédito subsidiado e/ou de outras vantagens a empresas privadas" (Musacchio e Lazzarini, 2015, p. 7). A partir desta definição os autores argumentam que no período do final do século XX e início do século XXI o Estado em alguns países não atuou somente como regulador, a sua atuação foi também de um empreendedor e investidor direto em setores estratégicos.

Ao discutirem o desenvolvimento do capitalismo de Estado, Musacchio e Lazzarini (2015) destacam três grandes momentos: o primeiro o Estado empreendedor/investidor, o segundo Estado investidor majoritário e posteriormente o Estado investidor minoritário. Na primeira fase, que compreende no período de 1930 a início de 1980, o Estado era o empreendedor/investidor principal, na construção de infraestruturas, empresas, e arranjos de governança, de modo favorecer o crescimento do país. Centralizava a propriedade e o controle total de empresas estatais, deixando pouca autonomia e transparência na sua gestão.

Na segunda fase, que tem início nos anos 1980, o Estado redefine o seu papel na economia, adotando uma forma híbrida. Se antes era o empreendedor/investidor, agora ele abre espaço para investidores privados, estabelecendo um processo de relacionamento complexo entre setores público e privado. No qual partilha o controle financeiro das empresas, permanecendo na condição de investidor majoritário, mas deixa de participar da gestão empresarial. Musacchio e Lazzarini (2015) demarcam que neste arranjo o Estado busca uma atuação que não sobrecarregue as empresas e o mercado com o controle excessivo, mas mantém sua forte influência na economia de modo promover os interesses públicos. A terceira fase, que segue a partir dos anos de 1990, o Estado atua como um investidor minoritário. Trata-se de um arranjo onde "o Estado é mais matizado e híbrido, onde as empresas são totalmente ou parcialmente privatizadas, passando a ser possuidoras de fundos de investidores independentes onde seus participantes privados gerenciam totalmente as empresas". (Musacchio e Lazzarini 2015,p.13).

Os autores, após a exposição de seus argumentos, não apontam uma fase melhor ou pior de capitalismo de Estado, exploram os arranjos modificados e as condições que resultaram cada fase de capitalismo de Estado declinar ou a funcionar com mais eficácia, de modo realizar a política industrial e empresarial necessária ao crescimento. Salientam alguns dos possíveis efeitos de cada fase como, por exemplo, no Estado empreendedor/ investidor que há a possibilidade de uma maior influência da

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

burocracia estatal nas práticas empresariais e, portanto, entraves ao crescimento, em contrapartida, para os trabalhadores, isso pode significar uma maior segurança no emprego, especialmente em setores estratégicos apoiados pelo Estado.

Na posição de investidor majoritário é possível um equilíbrio adicional, dado o comprometimento de longo prazo das empresas que o Estado investe. No entanto, este modo de ação também pode adicionar complexidades, como a necessidade de equilibrar interesses públicos e privados. A presença do Estado como investidor minoritário protege as empresas das intempéries da esfera política, abre espaço para inovação e maneiras diversificadas de gestão ampliando a competitividade, entretanto agrega uma tensão entre estabilidade e inovação, onde as empresas precisam alinhar seus objetivos com as expectativas do Estado, enquanto buscam manter a competitividade e a eficiência, e isto pode fragilizar os vínculos de trabalho de maneira direta e indireta.

Ao analisar a sociologia do desenvolvimento empresarial brasileiro, Kirschner (2003, p. 99) observa que entre as décadas 1930 e início dos anos de 1970 o Estado brasileiro era "o grande promotor do desenvolvimento, por meio da criação e coordenação de políticas de subsídios industriais e agrícolas que visavam, sobretudo, à exportação". A autora observa o caráter disciplinar imposto aos trabalhadores neste período, o Estado vinculava a construção de leis e regras de acesso à seguridade social ao ingresso no sistema de trabalho capitalista industrial. Complementando, argumenta não haver por parte do Estado brasileiro, neste período, estímulos a arranjos empreendedores individuais ou coletivos. Kirschner (2003, p.100) ressalta que o Estado brasileiro era "o protagonista de desenvolvimento e o modernizador por excelência, o agente que definia os parâmetros de ação da classe trabalhadora e das empresas".

Kirschner (2003) narra que a partir dos anos de 1970 a política econômica empresarial do país foi fortemente influenciada pelo nacionalismo. Uma tríade composta pelo Estado, empresas nacionais, empresas estatais e multinacionais. Em grande medida, o desempenho econômico do país atribuído a este período se deve à centralidade do Estado, o qual se sustentava por duas vias: como sujeito de desenvolvimento e modernizador por excelência, como o agente majoritário que definia os parâmetros de ação da classe trabalhadora e organização de demais arranjos empresariais. Entretanto, esse modelo mostrou limites em relação à sua capacidade de reduzir a pobreza e integrar as massas populares.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

A crise mundial do modelo de produção fordista/ taylorista é apontada por Kirschner (2003) como responsável pela disseminação dos modelos flexíveis de descentralização e desverticalização da economia no país. O país, segundo a autora, acompanhou a tendência mundial de remodelação do papel do Estado na economia, nas empresas e na desregulamentação do trabalho. Em meio ao processo de reestruturação econômica mundial, é deflagrada a crise política no país, que culminou no fim da ditadura. O final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 o Estado brasileiro é marcado por processos de reestruturação.

Nas décadas seguintes 1990 a onda neoliberal veio alterar a forma como Estado atua e se relaciona com demais instituições. Neste contexto, Kirschner (2003), destaca que o Estado passa a depositar a tarefa do desenvolvimento ao setor privado atuando apenas como incentivador financeiro em áreas algumas de seu interesse. Kirschner (2003) indica os anos de 1990 como aqueles que intensificam as políticas de descentralização e desregulamentação do papel do Estado na economia e na política, modificando os arranjos de racionalidade tradicional das empresas e do trabalho. Mudanças que impactaram o crescimento industrial, a retração do emprego formal, a deterioração dos salários, etc.

A política de flexibilização da economia e do menor intervencionismo estatal de acordo Kirschner (2003) teve o maior impacto nas empresas de menor porte e na massa popular de trabalhadores brasileiros, onde muitos indivíduos sequer haviam sido integrados aos mecanismos legais de seguridade, e tiveram que enfrentar as consequências de medidas governamentais e das transformações do capitalismo neoliberal. Kirschner (2003), ressalta alguns pontos que contribuíram para o desenho da crise como: a reduzida capacidade das instituições empresariais para a orquestração de esquemas de colaboração para a transferência de tecnologia, a frágil relação entre as empresas, fornecedores e mercados externos, a baixa formação dos trabalhadores brasileiros. A autora complementa narrando que parcela de trabalhadores brasileiros já vivenciavam vínculos precários de trabalho, pois a desarticulação entre o sistema de ciência e tecnologia e o mundo da produção já estava em descompasso.

Ao discutir o empreendedorismo no país Colbari (2007) propõe uma análise sincrônica sobre a trajetória e desenvolvimento econômico e político do país e a retórica do empreendedorismo na estrutura social. Para a autora "o entendimento relativo ao empreendedorismo exige associar a perspectiva sincrônica à abordagem histórica, na qual é possível demarcar continuidades e rupturas."

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

(Colbari, 2007, p. 83). Sua exposição demarca que nos anos de 1930, fase inicial do desenvolvimento econômico industrial no país, era possível verificar:

> "[…] tanto a presença da mentalidade tradicional econômica de subsistência quanto os ímpetos empreendedores _ ambos identificados entre significativos segmentos da população brasileira _ que de alguma maneira contribuíram para potencializar as dificuldades na formação de um mercado de trabalho urbano. O sonho do trabalho por conta própria não deixava de ser uma forma de resistência à integração total do trabalhador na ordem industrial. As histórias de vida de muitos imigrantes, pioneiros na incipiente atividade empresarial do país, certamente marcaram a imaginação popular e alimentavam o sonho de ser patrão ou, pelo menos, de não ter patrão. […]" (Colbari,2007p. 83)

As décadas posteriores são marcadas pela complexa interação entre o setor público e privado que moldaram um ambiente econômico único, onde o empreendedorismo foi simultaneamente facilitado e desafiado pela presença significativa do Estado. Segundo Colbari (2007) essa dualidade reflete as complexidades do processo de desenvolvimento da produção das empresas no país. A figura do empreendedor no Brasil assume uma dinâmica particular, que ao contrário de economias de mercado liberais, onde o empreendedorismo é muitas vezes impulsionado pela competição de mercado e inovação independente, no Brasil, os empreendedores frequentemente operam em estreita colaboração e incentivo do Estado.

No cenário atual do capitalismo contemporâneo brasileiro observa-se o estímulo ao empreendedorismo, e para isto basta verificar um número expressivo de publicações literárias, revistas e programas televisivos que tem esta ênfase por meio de análises de autoajuda, reorientação de carreiras e gestão empresarial. Estudiosos do campo sinalizam que essas abordagens motivacionais, com ênfase na conduta individual, contribuem para que o termo empreendedorismo se torne reificado Colbari, (2007) e naturalizado na estrutura social atual. (Leite e Melo, 2008).

A cada dia, é maior o número dos estímulos psicológicos, econômicos e sociais que responsabilizam integralmente o indivíduo pela tarefa constante de valorização de si, pela construção do seu próprio trabalho e da carreira. A disseminação de ideias e valores empreendedores se afinam com as relações precarizadas do capitalismo contemporâneo. Esses novos arranjos têm como consequência a transformação do comportamento que os indivíduos têm a respeito de suas vidas, que passam a ser voltadas para os conceitos de gestão de si e para o desenvolvimento da prosperidade de seu próprio capital (econômico, intelectual, físico, etc.)

O aumento expressivo da atividade empreendedora, de acordo com Magaldi (2023), demonstra os sinais de ruptura da figura do trabalhador controlado do período industrial taylorista-

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

fordista, privado de todos os atributos subjetivos. Em contraste, o novo paradigma emergente reinsere a autonomia no processo de trabalho, deslocando o estereótipo do trabalhador industrial para o empresário. Magaldi (2023) complementa que as relações de sociabilidade que ocorrem no chão de fábrica e seus parâmetros materiais e normativos são alterados pela estrutura do capitalismo neoliberal, que não se limita à destruição de instituições e à erosão de direitos; ele produz efetivamente os efeitos psicológicos necessários, molda relações, estilos de vida e subjetividades conforme os imperativos de mercado de modo a construir uma racionalidade empreendedora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este ensaio explorou algumas das contribuições teóricas de Max Weber para a análise do capitalismo contemporâneo, destacando a relevância de sua perspectiva para a compreensão das complexas dinâmicas das estruturas econômicas e sociais Ao adotar a perspectiva weberiana, é possível evidenciar como o espírito e a forma do capitalismo, originalmente descritos pelo sociólogo alemão, se mantém atuantes na construção dos processos de racionalização econômica e empreendedorismo que caracterizam o capitalismo contemporâneo. Embora as estruturas capitalistas tenham se modificado, incorporando novas práticas e valores, as análises weberianas permanecem como uma ferramenta poderosa para analisar as interações entre agentes individuais e as macroestruturas sociais.

É importante ressaltar que este ensaio é um recorte teórico da pesquisa que se encontra em fases iniciais de produção e está aberto a críticas e comentários nesta versão do texto apresentada no 48º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). As contribuições e análises adicionais podem enriquecer ainda mais a aplicação da perspectiva weberiana e a compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Antonio;KERCHE, Francisco;CARVALHO, *Lucas*. **Minerando dados: uma primeira abordagem cientométrica da revista brasileira de sociologia**.Blog da Sociedade Brasileira de Sociologia. Publicado em:17 de maio de 2021. Disponível em: https://sbsociologia.com.br/minerando-dados-uma-primeira-abordagem-cientometrica-da-revista-brasileira-de-sociologia/ Acesso em :29/05/2024.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève**. O novo espírito do capitalismo. WMF Martins Fontes, 2009.**

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

COLBARI, Antônia M. **A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira**. Revista Sinais, n. 01, 2007.

CÔRTES, Mariana. **A nova ascese do capitalismo contemporâneo**. Ciência como vocação: racionalidades e irracionalidades no velho e no novo mundo. 2020.

DARMON, Isabelle. **No'new spirit'? Max Weber's account of the dynamic of contemporary capitalism through'pure adaptation'and the shaping of adequate subjects.** Max Weber Studies, v. 11, n. 2, p. 193–216, 2011. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/24579630

GERTH. H., WRIGHT Mills. **Ensaios de sociologia**.trad. Walternir Dutra, 5ª ed. Rio de Janeiro. LTC.1982

HALL, Peter A.; GINGERICH, Daniel W. **Varieties of capitalism and institutional complementarities in the political economy**: An empirical analysis. British journal of political science, v. 39, n. 3, p. 449-482, 2009. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/british-journal-of-political-science/article/abs/varieties-of-capitalism-and-institutional-complementarities-in-the-political-economy-an-empirical-analysis/AFDEB29A8DD80BAD35BF272FE305E40DAcesso em: 24/04/2024

HALL Petter E SOSKICE David. **On Contemporary Capitalisms: Varieties of Capitalism: Some Fundamental Aspects. Economic Development**, Vol. 45, No. 180 (Jan. - Mar., 2006), pp. 573-590 Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3655881?origin=JSTOR-pdf Acesso em :24/04/2024

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**. Aparecida: Ideias & Letras,2010.

LEITE, Elaine; MELO, Natália. **Uma nova noção de empresário: a naturalização do" empreendedor".** Revista de Sociologia e Política, v. 16, p. 35-47, 2008.

MAGALDI, Tiago. "**Controle" e "consenso" revisitados: dois caminhos para uma sociologia política nativa do trabalho.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 38, p. e3811002, 2023.

MUSACCHIO, Aldo; LAZZARINI, Sérgio. Reinventando o capitalismo de Estado. **O leviatã nos negócios: Brasil e outros países.** São Paulo: Portfolio-ed Penguin, 2015.

KIRSCHNER, Ana Maria. **A sociologia brasileira e a empresa**. BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, n. 55, p. 99-121, 2003.

POHLMANN, Markus; LIM, Hyun-Chin. **Um Novo "Espírito" do Capitalismo? A globalização e seu impacto na difusão do pensamento de gestão neoliberal na Alemanha e nas economias do Leste Asiático**. Plural, v. 22, n. 2, p. 115-144, 2015

RUIZ, Osvaldo Lopez. **O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo.** 2004. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SELL, Carlos Eduardo. **Weber no Século XXI: desafios e dilemas de um paradigma weberiano**. **Dados**, v. 57, p. 35-71, 2014

Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/fzJM3KDm6NjVJ8T3FTf3GWj/. Acesso em:29/09/2023

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

SELL, Carlos Eduardo. MESA 32| **La teoría de la diferenciación ante las problemáticas sociales de América** Latina,2015 Disponível em: http://diferencias.com.ar/congreso/ICLTS2015/ponencias/Mesa%2032/ICLTS2015_Mesa32_Sell.pdf

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado?** Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 16, p. 323-347, 2016b. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/FJgZ8Bxc5SKky5zTSHbTmDw/#

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Der Kapitalismus als eine universalgeschichtliche Erscheinung. Max Webers institutionenbezogene** Analyse. Der Sinn der Institutionen: Mehr-Ebenen-und Mehr-Seiten-Analyse, p. 209-235, 2009.Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-531-91781-8_8 Acesso: 22/08/2024

SCHLUCHTER, Wolfgang. **A dualidade entre ação e estrutura: esboços de um programa de pesquisa weberiano**. Política & sociedade, v. 15, n. 34, p. 18, 2016. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/e7016f3a6188bf0230e63f1077305912/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1796430 Acesso em: 13/10/2023.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. São Paulo. Editora Record, 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras 2014.

VALARINI, Elizângela; POHLMANN, Markus. **Há um novo espírito capitalista na conduta de vida dos executivos brasileiros? Análise da orientação da ação a partir da reconstrução do padrão coletivo de interpretação social**. **rth|**, v. 16, n. 2, p. 30-59, 2016.

VALARINI, Elizângela; ELIAS, Friederike; POHLMANN, Markus. **O espírito capitalista neoliberal na América Latina: o papel da orientação para o mercado financeiro nas grandes empresas argentinas e brasileiras**. Plural, v. 22, n. 2, p. 37-80, 2015.

VILLAS BÔAS, Glaucia. **A recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980)**. Dados, v. 57, p. 5-33, 2014.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Todas as etapas de construção deste artigo foi realizadas pela autora.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara não haver conflitos de interesse.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9690

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Sintilla Abreu Bastos Cartaxo é doutoranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Tem interesse por pesquisas que tratam da análise da estrutura e subjetividades no capitalismo contemporâneo com ênfase nos arranjos de trabalho, empreendedorismo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.